

Instituto Federal de Brasília
Licenciatura em Dança
Campus Brasília

Tayra Sasha Lisceli Davila Castillo

**DANÇA COM AJKAARÜ (ALMA)
NO CORAÇÃO DO CONCRETO**
(ALMA na língua Kari'ñas - Caribes)

Uma experiência em dança como ponte de formação Intercultural

Brasília DF
2018

TAYRA SASHA LISCELI DAVILA CASTILLO

DANÇA COM AJKAARÛ (ALMA) NO CORAÇÃO DO CONCRETO

*(*ALMA na língua Kari'ñas - Caribes)*

Uma experiência em dança como ponte de formação Intercultural

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Em Dança do Campus Brasília do
Instituto Federal de Brasília como requisito para
obtenção do título de licenciada em dança

Orientador: Marcello Lasneaux

Brasília-DF
2018

Dedico esse trabalho às mulheres da minha família sanguínea e espiritual, a minha avó, a minha mãe, a minha filha e às minhas próximas gerações. Somos todas geradoras de uma aurora.

Agradeço aos guias espirituais que me orientam e me iluminam neste caminho aqui na terra. Por ter me dado os sentidos e sensibilidade para valorizar, respeitar e acolher aqueles que, perante os olhos normais, não são acolhidos, respeitados e valorizados devido ao preconceito dos homens. São estes seres, materializados em corpo, espírito na terra, os grandes mestres e transformadores de conhecimento para as futuras gerações, para o bem da humanidade, para o amor, a dignidade e a paz no mundo, para a continuação e a valorização da nossa raiz.

Agradeço a minha família Venezuelana e Brasileira, principalmente a minha mãe, mulher corajosa, sensível e guerreira, aos meus professores do ensino informal e formal, aos meus alunos e, também, ao meu companheiro de viagem, pai de dois maravilhosos filhos.

“É fundamental reviver o espírito guerreiro dos Caribes. Peço ao criador Kaaputaano Tumüonka restabelecer a nossa sociedade para as gerações que chegarão a partir deste século.”

Carmen R. Poyo de Maneiro (Abuela Sabia Kari’ña)

RESUMO

A pesquisa **“Dançar com *Ajkaarü* (Alma)”**, uma **experiência em dança como ponte de formação Intercultural**, trata da elaboração, aplicação e análise de dois questionários antes e após uma atividade teórico-prática, realizada com um grupo de estudantes e professores, na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes da Fundação Brasileira de Teatro - FBT em Brasília. A partir destes questionários aplicados e das atividades práticas, observou-se uma participação dinâmica, um interesse em conhecer informações etnográficas sobre o povo Kari`ña da Venezuela. Na oficina, foram apresentadas as danças *Mareemaare* e *Akoodo* e a degustação dos sabores tradicionais desse povo. Foram colhidos dados e impressões dos participantes, que a partir da atividade, evidenciaram durante a pesquisa, por escrito e verbalmente, sua vontade em conhecer mais sobre sua própria ancestralidade para aumentar seu sentido de pertencimento e identidade cultural. Os participantes conheceram mais sobre as danças e culturas dos povos originários, expressaram, durante as atividades práticas de autoavaliação, motivação para participar e promover o respeito, a valorização da diversidade cultural. E, propuseram a realização de mais atividades informativas, formativas e eventos interculturais nesses espaços educativos. Ações que contribuam para diminuir a falta de conhecimento e de valorização das culturas tradicionais dos povos originários, que contribuam para acabar com a intolerância e a discriminação étnica, que gera a perda de um patrimônio fundamental para nação, representado nas danças dos povos originários do Brasil. Assim sendo, fica evidente que o contato com as práticas cênicas, musicais e culturais dos povos originários é um caminho bem sucedido para desenvolver uma cultura social de respeito, e reconhecimento do papel dos povos originários na construção societária atual.

Palavras-chave: Interculturalidade, Arte-educação, Dança, Povos Originários.

RESUMEN

La investigación “Danzar con *Ajkaarü* (Alma)”, una experiencia en danza como puente de formación Intercultural, trata de la elaboración, aplicación y análisis de dos cuestionarios antes y después de una actividad teórico-práctica, realizada con un grupo de estudiantes y profesores, en la Facultad de Artes “Dulcina de Moraes” de la Fundación Brasileña de Teatro FBT en Brasília. A partir de estos cuestionarios aplicados y de las actividades prácticas, se observó una participación dinámica, un interés en conocer informaciones etnográficas sobre el pueblo Kari’ña de Venezuela. En la actividad, fueron enseñadas las danzas *Mareemaare* e *Akoodo* y la degustación de los sabores tradicionales de ese pueblo. Fueron recogidos datos e impresiones de los participantes, que a partir de la actividad evidenciaron durante la investigación, por escrito y verbalmente, deseos en conocer más sobre su propia ancestralidad para aumentar el sentido de pertenencia e identidad cultural. Los participantes conocieron más sobre las danzas y culturas de los pueblos originarios expresaron, durante las actividades prácticas de autoevaluación, motivación en participar y promover el respeto, la valorización de la diversidad cultural. E, propusieron la realización más actividades informativas, formativas y eventos interculturales en esos espacios educativos. Acciones que contribuyan a disminuir la falta de conocimiento, de valoración de las culturas tradicionales de los pueblos originales, que aporte para acabar con la intolerancia y la discriminación étnica, que provoca la pérdida de un patrimonio intangible de la nación, representados en las danzas de los pueblos originarios del Brasil. Así queda evidente, que el contacto con las prácticas escénicas, musicales y culturales de los pueblos originarios es un camino bien sucedido para promover una cultura social del respeto, y reconocimiento del papel de los pueblos originarios en construcción social actual.

Palabras-claves: Interculturalidad, Arte-educación, Danza, Pueblos Originarios.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Onde está o meu <i>Ajkaarü</i> (Alma)?.....	8
1.2 Dançar comigo e dançar com todos.....	9
1.3 Dançar com Ajkaaru (alma) no concreto.....	10
1.4 Compartilhando saberes na Arte- Educação.....	12
2 JUSTIFICATIVA.....	15
3 OBJETIVO GERAL.....	16
4 OBJETIVO ESPECÍFICOS.....	17
5 METODOLOGIA.....	18
6 O AJKAARU (ALMA KARI'ÑA) QUE NOS INSPIRA E O LEGADO QUE PRESERVAMOS.....	19
6.1 Breve referência histórica, cosmovisão Kari'ña-Caribe, sabores, habitat, produção, cultura e tradições.....	19
7 A COSMOVISÃO KARI'ÑA E A IMPORTÂNCIA DAS LÍNGUAS E DAS CULTURAS DOS POVOS ORIGINÁRIOS.....	23
7.1 Compartilhando um pouco da cosmovisão Kari'ña, numa travessia onírica com experiências sinestésicas.....	23
7.2 Reconexão ancestral, valorização de arquétipos e valores dos povos originários na contemporaneidade.....	25
8 REALIZAÇÃO DA OFICINA-LABORATÓRIO: DANÇAR COM AJKAARÜ (ALMA).....	29
8.1 Oficinas introdutórias à Dança Kari'ña: Mareemaree.....	29
8.2 Dança como livre expressão, narrativas corporais e ponte de encontro intercultural.....	31
9 RESULTADOS E ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS.....	33
9.1 Análises das respostas obtidas nos questionários.....	41
10 CONCLUSÃO.....	44
12 BIBLIOGRAFIA.....	47
11 ANEXOS.....	48

1 INTRODUÇÃO

1.1 Onde está o meu *Ajkaarü*(Alma)?

“Segundo as crenças dos Kari’ñas (Caribes) o ser humano tem um espírito que se projeta no chão, na água ou no espelho e se concreta no *Ajkaarü* ou Alma. Durante o sono, a alma ou *ajkaarü* sai do corpo, viaja longe e se comunica com os familiares que moram no mundo dos mortos, *yoorojkan paatü*.” (SZÁSZ, 2001 p.113)

Iniciei meus primeiros passos no concreto armado de Brasília, meus familiares contam-me que aprendi a caminhar e comecei a improvisar e dançar em casa, embaixo dos pilotis dos prédios da Asa Norte, em frente às pracinhas do Conjunto Nacional e do CONIC, e em outros espaços da cidade onde, meus pais faziam vida cultural, educativa e militância política. Os que nascemos ou nos radicamos nesta cidade, com mais de 57 anos de fundação, pouco conhecemos sobre as culturas que transitavam neste Centro-Oeste brasileiro, pouco conhecemos sobre as culturas e tradições de outros povos originários, que também aqui chegaram antes da gente, vindo de outras regiões.

O interesse em aprender mais sobre minhas origens ancestrais me levou a voltar à Venezuela, ali tive a oportunidade de reconectar-me com saberes e tradições milenares dos Andes, Amazônia e do Caribe. Morei 15 anos na beira do grande rio Orinoco, próximo a diversas culturas dos povos indígenas venezuelanos, onde tive a benção de conhecer e dançar em várias comunidades indígenas do Estado Bolívar, estado fronteiriço com os estados do Amazonas e Roraima.

Retomei minha conexão com a dança nas pedras e areias das Ilhas do rio Orinoco (onde pedi licença a *Akoodo*, a serpente dona do rio), reconectei-me com meus ancestrais em contato com as histórias dos parentes e os movimentos turbulentos das águas, do vento, da danças das gaivotas, das árvores de buriti e mangas.

Casei com o pai dos meus filhos, da mesma forma como casou minha mãe, numa Cerimônia Indígena Kari’ña, numa pequena ilha do rio Orinoco, celebrada pela *abuela* matrona cultural Kari’ña, Maria Cascante “Abanamie” e sua filha Carmen R. Poyo de Maneiro (a autora da citação que me inspira o título desta pesquisa). Esta cerimônia teve muitos cantos, danças, com comidas e bebidas tradicionais. Acompanharam-nos os familiares e amigos mais íntimos.

Apreendi em cada vivência que os povos dançam e fazem rituais para se conectar com o fluir da terra e do cosmos, dançam para tentar se comunicar com as forças dos mistérios da vida, tentando entender quem são, onde estão, para onde vão. Dançam para entrar em contato consigo mesmo, e com outros, uma forma de existir e de celebrar a vida. Apreendi nesse tempo também duas maneiras diferentes de celebrar a morte de duas avós, duas despedidas que marcaram minha vida, duas mulheres fantásticas que me guiaram, me amaram e me motivaram a dançar na vida.

1.2 Dançar comigo e dançar com todos

Amei e senti muito orgulho de ter vivido essas experiências de dançar sem escola. Em um tempo de dançar sem regras, sem métodos, sem preconceitos, sem amarras. Depois dessa fase, tive a oportunidade de vivenciar as rígidas experiências de estudos de Ballet e Jazz, em Brasília.

Na Venezuela, fiz estudos de danças nacionalistas tradicionais, onde realizamos muitas apresentações em teatros, escolas, praças e comunidades. Posteriormente ingressei nos estudos formais no Conservatório Regional de Danças do Estado Bolívar. Tive a oportunidade também de dar aulas de dança para crianças e jovens em comunidades da cidade onde morei e contribuí na formação de um Núcleo de dança em um povoado mineiro chamado Guasipati no município de Roscio, onde eu ensinava técnicas básicas de dança para 80 crianças e jovens.

Fui aluna no *Instituto Universitario de Danza- IUDANZA*, em Caracas, hoje chamada *UNEARTE –Venezuela*. Participei de diversos projetos e montagens nos espaços culturais como intérprete de dança contemporânea, convidada por diversos artistas, realizando performances solos com música ao vivo em praças públicas, teatros, museus, espaços naturais patrimoniais, inclusive performances em ilhas e barcos navegando pelo rio Orinoco.

Quando tive meus dois filhos, fiz questão de entrar e sair do hospital em Brasília com minhas roupas tradicionais com muitas fitas coloridas, que representam o orgulho de fazer parte de um povo que sente gratidão e respeito por Kapuano, o Deus, o senhor de tudo. E, visto nos meus momentos de celebração o *Paraamü*

(arco-íris), na minha “*nava*” ou vestido. Minha mãe vem me acompanhando, cantando, em agradecimento “às minhas *abuelas*”, agradecendo suas orientações e amor nesse momento tão importante da minha vida. Gerar vida como elas geraram antes de mim, tomando em conta as passagens das luas e com as bênçãos dos avós, frente ao olhar dos outros, talvez isto não tenha sentido para alguns, mas tinha sentido para nós.

Minha avó Paula, índia andina aguerrida, descendente do povo Tariba que escolheu ela mesma embaixo de qual árvore queria transformar seu corpo depois de falecida, e minha avó de adoção cultural Kari’ña – Caraíba Maria Cascante-“Abanamie” que foi despedida durante uma semana de cantos, cores e relatos de sua vida cultural. Lideranças Kari’ña de outras comunidades cantavam a sua história em reconhecimento de cada bem coletivo que ela fez. Enquanto isso, os jovens e crianças também dançam e cantam sua história com orgulho para não esquecer quem foi ela para a família e a comunidade. Todos tomaram muito “*cachire*”, bebida tradicional na base da mandioca e muita comida feita pelas mulheres da família.

1.3 Dançar com *Ajkaarü* (alma) no concreto

Voltei novamente a Brasília, pisar a terra vermelha onde nasci, e pisar no concreto, já com parte das experiências de vida e das culturas que precisava conhecer, reencontrar e valorizar pra seguir pulsando no coração desta cidade, onde talvez alguns colegas e jovens de Brasília não tenham as oportunidades que eu tive de vivenciar de perto outras culturas, outras formas de dançar, em outros contextos e paisagens naturais ainda quase inexploradas. Formei-me em Pedagogia e, agora, pronta a concluir meus estudos de dança no IFB, me sinto comprometida em repensar minha própria história e os novos passos para o futuro, sem deixar de respeitar os passos que deixo atrás, reafirmando minha consciência e compromisso social e humano no presente e no futuro que devo aos filhos e netos.

Através da dança me conecto com o amor e sabedoria de meus ancestrais, aprendo a respeitar outras culturas de outros povos e crio novas pontes com a diversidade cultural do mundo. Descobri e descubro por meio da dança meu *AJKAARÜ* todos os

dias, nas danças tradicionais de meu povo ou dançando as danças de outros povos do mundo, com o maior respeito e gratidão à cultura do outro.

Desde criança experimentei diferentes modelos de ensino e de práticas de dança acadêmica. Na maior parte dos casos são utilizados padrões ou modelos fundamentados em rotinas que nos levam a adquirir destrezas corporais com determinados movimentos, que podem levar a uma limitação da liberdade criativa. Com a realização de laboratórios criativos e rodas de vivências é possível sensibilizar e incrementar um pouco mais os conhecimentos sobre a nossa consciência corporal.

Desde o nascimento somos submetidos a uma série de condicionamentos sociais, antes mesmo de vivermos os processos de educação formal-, o que acaba resultando em procedimentos mecânicos e repetitivos, dos quais não temos percepção ou consciência. (VIANNA, 2008 p.112)

O fluir de movimentos livres e naturais de cada um em contato com a natureza, ou em espaços com espelhos, interconecta subjetividades, movimentos expressivos vinculados às lembranças primárias de cada participante desejoso de se comunicar com a própria ancestralidade, através do seu corpo, na liberdade de seus gestos e movimentos espontâneos.

O homem é um em sua expressão: não é o espírito que se inquieta nem o corpo que se contrai- é a pessoa inteira que se exprime. (...) dar espaço para a manifestação do corpo, com os conteúdos da vida psíquica, das expressões dos sentidos, da vida afetiva. (...) Temos é que conhecer esses processos internos poderosos e dar espaço para que eles se manifestem, criando assim a coreografia, a dança de cada um. (VIANNA, 2008 p.150)

Iniciar uma dança que até poderia ser apenas a dança do olhar no olho do outro, ou o olhar interno em posição meditativa, ou o simples movimento das mãos e os dedos a procura de um tesouro extraviado no tempo. A possibilidade de ler em cada corpo em movimento um livro de gestos e poéticas ancestrais, que poderiam ainda fazer parte de uma biblioteca gestual de mensagens à humanidade que perde aceleradamente seu legado histórico ancestral.

Os antropólogos descreveram, muitas vezes, o que acontece a uma sociedade primitiva quando seus valores espirituais sofrem o impacto da civilização moderna. Sua gente perde o sentido da vida, sua organização social se desintegra e os próprios indivíduos entram em decadência moral. Encontramo-nos agora em idênticas condições. (JUNG, 1964 p.90)

1.4 Compartilhando saberes na Arte- Educação

Nesta pesquisa não pretendi desenvolver uma investigação antropológica profunda, mas sim realizar a coleta de informações e dados, em atividades teóricas, práticas ou em experiências interculturais pelo movimento. Apliquei dois questionários antes e após a realização de uma oficina–laboratório que denominei **“Dançar com Ajkaarü”**, dividida em duas etapas: a primeira etapa tinha a finalidade de motivar sinestesticamente por meio de curtos relatos da cosmovisão do povo Kari`ña, de fotografias do habitat, das comunidades, das roupas, dos alimentos, da produção artesanal, de vídeos, da degustação de sabores, e de iniciação às danças tradicionais, num clima motivacional de alegria e de outros processos criativos de valorização simbólica ancestral. Posteriormente dançamos todos juntos na sala de aula o *Mareemaare* com variações de movimentos e dança *Akoodo*.

Na segunda etapa, realizamos dinâmicas individuais e grupais numa sala com espelhos. Com três focos denominados sonhos: Com meus pés na terra, Com meus pés na água (*túnna*) e meu corpo minha essência frente ao espelho para tentar encontrar a própria dança.

Os exercícios de projeção e visualização por meio da arte, depois de ter propiciado o encontro com outra cultura desconhecida para esse grupo, um povo que ainda morando muito perto de setores urbanos e de fazer parte da formação político-econômica de seu entorno social, ainda não perdeu sua conexão e diálogo permanente com a sua ancestralidade, suas memórias familiares, seu vínculo sagrado com os elementos da água, do fogo, da terra, do ar.

O povo Kari`ña ainda reverencia a seus velhos e velhas, com quem compartilham danças intergeracionais, celebrando a vida, somando experiências significativas, que possibilitam a interação e o diálogo com o mundo contemporâneo para a articulação de um discurso consciente, um diálogo na permanente reconstrução respeitosa das memórias ancestrais. Memórias essas distanciadas por diversos fatores complexos da atual sociedade de consumo e do domínio midiático homogeneizador e globalizante.

Para mim, que pretendo seguir assumindo trabalhos de arte-educação e processos criativos artísticos, sinto o chamado para contribuir na recuperação da ritualidade na dança e no fortalecimento de um conjunto de valores de tolerância, reciprocidade e respeito intercultural. Para que não continuem se perdendo as tradições culturais originárias dos povos e, que, estas possam seguir dialogando com outras expressões artísticas contemporâneas, sem nenhum tipo de vergonha étnica, nem exclusão.

O que na verdade interessa aos artistas de hoje é a união consciente da sua realidade interior com a realidade do mundo ou da natureza; ou, em última instância, uma nova união de corpo e alma, de matéria e espírito. É a sua maneira de "reconquistar seu peso como ser humano". (JUNG, 1997 p. 263)

Neste trabalho de pesquisa, me motivou interagir com um grupo de pessoas interessadas em conhecer as culturas indígenas, por meio da dança, e promover a conexão singular de cada participante com a sua própria história ou memória ancestral.

Dançar com *Ajkaarü* pode resignificar (ou não) para os participantes da pesquisa ou para o leitor, conceitos já aprendidos a respeito da dança como temos aprendido até hoje nos diferentes contextos urbanos ou padrões sociais estabelecidos, após os processos de colonização territorial.

A Dança Kari`ña me inspirou a realizar uma oficina-laboratório experimental que facilitou processos criativos valorizando processos e percepções individuais ou imaginários sobre a ancestralidade de cada um. E, a Promover uma pesquisa de registros das experiências como material base para a elaboração de propostas metodológicas da dança na arte-educação.

Creio que está se aproximando o tempo em que seremos forçados a desenvolver programas de estudos para conseguirmos uma nova integração na arte- e na vida. (SCHAFER, 2011.p.280)

Quando iniciei esta pesquisa, tinha varias inquietações relacionadas com a intolerância à diversidade cultural. Acabei resumindo-as em três perguntas todas elas:

Os estudantes e professores de arte sentem hoje necessidade de reconexão com a sua própria ancestralidade?

Estão dispostas, hoje, a pesquisar, valorizar, proteger ou difundir este legado e patrimônio imaterial?

Como contribuir na promoção de uma educação intercultural, através da dança, no contexto contemporâneo, gerando processos de reflexão, autoavaliação, valorização e interação de respeito à diversidade cultural?

2 JUSTIFICATIVA

Neste trabalho de pesquisa, me motivei a interagir com um grupo de estudantes e professores de artes visuais e artes cênicas, interessados em conhecer mais sobre as culturas indígenas através das danças Kari'ña.

Buscar respostas não somente frente ao meu espelho pessoal, mas tentar responder coletivamente e achar talvez novas inspirações, ante um futuro cheio de complexidades, em tempos que demandam mais encontros na diversidade para ampliar ou construir mais pontes interculturais nos processos educativos através da dança. Os resultados dessa pesquisa talvez possam representar uma base de experiências sistematizadas para promover outras pesquisas sobre experiências interculturais através da dança. Colaborar na elaboração de propostas metodológicas e exercícios vivenciais com futuros alunos das redes educativas e contribuir em outros processos criativos de conexão ancestral. Apoiar a realização de projetos experimentais, que facilitem processos artísticos que vão ao encontro da valorização da diversidade cultural e das danças tradicionais dos povos indígenas, em Brasília ou em qualquer outra cidade urbana do mundo.

3 OBJETIVO GERAL

Analisar dados, recolher impressões relacionadas com a ancestralidade, danças e culturas indígenas, com o objetivo de sensibilizar e promover processos educativos interculturais e pontes criativas de conexão com a *Ajkaajarü* (Alma), em um espaço de formação artística através da dança.

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1 Realizar levantamento de pesquisa bibliográfica e etnográfica sobre cosmovisão, danças e a cultura Kari'ña como necessidade de reconexão com a própria ancestralidade.
- 2 Aplicar e analisar dois questionários de um grupo de estudantes e professores de arte, antes e depois da realização de uma Oficina-Laboratório “Dançar com *Ajkaarü* (Alma)”.
 - 2.1 Valorizar, proteger e difundir parte do legado ancestral e patrimônio imaterial através da Dança tradicional Kari'ña.
 - 2.2 Gerar processos de reflexão, autoavaliação, com interação respeitosa, na diversidade cultural de um espaço formativo, que contribua ao dialogo de expressão artística e promoção de uma educação intercultural através da dança.

5 METODOLOGIA

As fontes da pesquisa serão primárias porque são produtos de coleta de fontes de conhecimentos dos participantes, mas também é descritiva quando se relacionam variáveis de questionários, entrevistas e análises de resultados. É também secundária porque ouve opiniões de pessoas, realiza-se leituras de questionários, livros, fotografias, vídeos e conteúdos na internet.

Desenvolvi esse trabalho com pesquisas integrativas de investigação-formação-produção criativa e registro das experiências, promovendo o intercâmbio de ideias, promovendo a expressão criativa, exercícios de autopercepção e autoavaliação de cada atividade prática realizada em sala.

Foi feito o registro audiovisual de momentos da atividade e transcrição de áudios e narrativas poéticas, compartilhadas durante a realização das atividades práticas conduzidas com orientação, improvisações e diálogos estéticos artísticos.

6 - O AJKAARU (ALMA KARI'ÑA) QUE NOS INSPIRA E O LEGADO QUE PRESERVAMOS.

6.1 Breve referência histórica, cosmovisão Kari'ña-Caribe, sabores, habitat, produção, cultura e tradições.

Os povos do tronco linguístico Caribe foram guerreiros, mestres de navegação, de travessias longas e da pesca. Sua cultura foi expansiva nos tempos pré-colombianos, foram povos caracterizados por sua coragem, espírito combativo e resistentes ante os processos de violência colonizadora e ações dos corsários. Foram se dispersando por diversas regiões do Caribe, Guianas, sul oriente da Venezuela, se relacionando entre diferentes povos porque tinham grandes capacidades de articulação e negociação comercial.

Pela maior diversidade de línguas do tronco Caribe existentes na área do maciço guianês, é provável que os falantes do Protocaribe moraram no quadrante noroeste do Amazonas, é dizer na região das Guianas (hoje território do Brasil, Venezuela e Guyana). Impulsionados pela adoção da cultura da mandioca, que permitiu o aumento das populações, os falantes dessa proto-língua começaram a migrar. Estas migrações também estão associadas a outros fatores: as inovações tecnológicas na cerâmica, por exemplo a intensificação do comércio Inter-étnico e os câmbios climáticos. Estes fatores geraram entre outras coisas, a retração da floresta e a aparição de corredores de savanas, que facilitariam a dispersão. Estes movimentos não seguiram um plano pré-estabelecido. Mas foram um processo complexo e espontâneo. Os migrantes seguiram rotas fluviais e Interfluviais e emigraram por diversos rumos. Alguns grupos seguiram para o norte chegando à costa noroeste da atual Venezuela e à Serra de Perija e para o sul até o Brasil central (SZÁSZ 2001. p.27 e 28)

O Povo **Kari'ña**, descendente direto desse povo, tem conseguido manter parte de sua cosmovisão, língua, culturas e tradições, apesar de ainda estarem sendo retirados de suas terras pelas atividades dos campos petroleiros, pelos interesses dos latifundiários e pelos processos de aculturação devido às cidades, que foram se instalando nas suas terras.

A história Kariña no último século tem sustentado a luta para manter viva sua identidade, sua cultura, sua língua e cosmovisão, no meio de cidades, estradas, instalações petroleiras, fazendas agropecuárias; uma luta entre as brisas da savana, grávida de tradições e histórias, e os ventos de mudanças que sopram cada dia com mais força: uma síntese de identidade ainda com todas as mudanças sociais aceleradas; (SZÁSZ, 2001. p.50)

As principais comunidades hoje estão localizadas nos estados Bolívar (estado fronteiro com Amazonas e Roraima) o estado caribenho Anzoátegui e o estado

Monagas (Venezuela), hoje os três estados são importantes centros de instalações petroleiras.

Produzem mandioca, milho, feijão, banana da terra, cará, inhame, batata, batata doce, abóbora, pimenta de cheiro e diversas frutas como o abacaxi, mamão, goiaba, manga, laranja, limão, banana e cana de açúcar. A plantação da mandioca é fundamental como base principal da alimentação, pois é de onde elaboram o biju que eles denominam de “*areepa*” ou “*casabe*”. A caça e a pesca são mantidas de acordo com as regiões e as estações. Preparam “*caratos*”, “*chichas*” ou bebida com base de milho, mandioca como “*awache churu*” e “*kashiire*”. Gostam muito de pimentas que cultivam e preparam para acompanhar suas comidas. Também preparam doces na base do fruto do buriti, caju, mangas, mamão, goiaba e banana. O tabaco é uma planta cultivada ainda e é considerada sagrada para a maioria, utilizada nas cerimônias. Utilizam o buriti como alimento, material de construção, confecção de redes e outros produtos artesanais que comercializam a pequena escala. Ações sócio-motivadoras têm se realizado nos últimos anos para recuperar e incentivar de novo estas produções artesanais.

A professora Damelis Castillo, ex-coordenadora de Assuntos Culturais Indígenas do estado Bolívar na Venezuela diz que as comunidades indígenas Ka’riñas, ultimamente, estão sendo motivadas a recuperar parte destes conhecimentos ancestrais através de projetos e atividades realizadas em escolas interculturais, eventos interculturais formativos, promovidos pelo *Ministério del Poder Popular para los Pueblos Indígenas*, pelas redes de Casas da Diversidade Cultural do *Ministérios do Poder Popular para la Cultura*, Instituto Indígena do Estado Bolívar e *Coordinación Cultural Indígena del Estado Bolívar*. (Informação verbal)¹

Produzem artesanatos em cerâmica, algodão e buriti, principalmente redes resistentes e duradouras, cestas com formatos de galinhas de diferentes tamanhos, chapéus e cestas de uso funcional, com diversos formatos. Elaboram colares. Poucos fabricam as flautas de cana, pífanos “*vereekushis*” de diferentes tamanhos que acompanham seus cantos tradicionais, mas usam outros instrumentos musicais, como os tambores e também instrumentos de cordas como o *cuatro* (típico da

¹ Informação passada no dia 20 de out de 2018

Venezuela) e a *mandolina* que substitui eventualmente os *verrekushis* em alguns eventos.

A professora Damelis Castillo diz que os representantes do povo Kari`ña têm conseguido manter certa liderança ainda hoje, capacidade de articulação, negociação e convocatória, garantindo a participação política pelos seus direitos, nos últimos 20 anos. Relata, por exemplo, que o líder político Kari`ña, José Poyo foi deputado no Congresso Nacional venezuelano e presidiu o Parlamento Indígena da América. Hoje, segue lutando como professor universitário, assim como seu irmão Tito Poyo, seus sobrinhos Simón Maneiro, Morela Maneiro, Chaveli Poyo e todo um grupo familiar. Eles assessoram comunidades para manter sua autonomia, para obter melhorias sócio-produtivas, formação intercultural e revitalização cultural de suas tradições. Segue o relato da professora Damelis Castillo informando que Morela Maneiro, filha da abuela sábia Carmen Poyo, e neta de Maria Cascante, é uma destacada poeta e promotora cultural de seu povo, com participação em eventos culturais, premiações e conquistando reconhecimento nacional e internacional. Hoje faz parte da equipe do Ministério de Poder Popular para a Cultura, apoiando a construção de políticas públicas para a preservação da língua, da cultura e das tradições não só do seu povo, mas de todos os povos originários da Venezuela. (Informação verbal)¹

A Professora Ana Rodriguez, Kari`ña, atual coordenadora de Assuntos Culturais Indígenas do estado Bolívar informa que todos os anos são realizados eventos de celebração com grande participação popular e criação de grupos de danças de crianças e jovens, onde os velhos cantam, tocam seus instrumentos tradicionais. E, através de métodos informais, ensinam os passos e coreografias das danças tradicionais de seus povos. As variações coreográficas têm nomes de animais que para eles tem significado simbólico especial. (Informação verbal)²

Kaaputaano representa Deus na cosmovisão **Kari`ña**, o senhor de todos. Muitos têm fé religiosa ligada ao catolicismo, produto de sua convivência com os outros povos e igrejas das cidades em que cresceram, no entorno social.

1 Entrevista oral 20 de out de 2018

2 Entrevista telefônica 20 de out de 2018

A professora Damelis Castillo comenta que a relação entre as mulheres é muito forte, protetoras entre si, existem relações matriarcais em muitas famílias e na cosmovisão desse povo existem três mundos: o mundo do aqui e agora dos **Kari`ñas**, o mundo natural e o mundo espiritual. Todos eles entrelaçados com valores que são ensinados aos jovens pelos mais velhos, motivando-os a seguir respeitando o entorno e as tradições, porque tem conexão afetiva e ritualística com as águas, a terra, as plantas sagradas de cura que cultivam perto de casa para os membros da família. A professora Damelis Castillo ainda comenta que, num dia triste, pela perda física de sua mãe, em Caracas, recebeu o abraço consolador da abuela Maria “Abanamie”, na sua casa, lembrando-a que, para os Kari`ñas, seus familiares não estão mortos, só passeiam num lugar muito bonito, muito tranquilo, sem sofrimentos. Mas, podem nos visitar quando se dorme profundamente e sonha, ou quando vêm celebrar com a gente, na cosmovisão dos Kari`ñas no dia do *Akantompo*, (encontro espiritual com os parentes falecidos), para quem são feitas oferendas de frutas, flores, plantas medicinais, tabaco de suas colheitas, liderados pelos velhos sábios com cantos, danças e *areemis* (orações), com o objetivo de receber e compartilhar suas bênçãos. (Informação verbal)¹

Quando um parente morre a família e amigos celebram despedidas com cantos comidas e bebidas que podem durar de três dias a uma semana. Dança-se e canta-se o *Mareemaare* e se realiza o ritual chamado *Vomankan*, depois de oito dias de falecida a pessoa, depois de enterrado o corpo, se faz uma corrente ao redor deste, narrando toda a biografia do defunto. Para o povo Kari`ña o *Akantompo* é a mais importante celebração cultural do ano. Ela é realizada dia 2 de novembro, o dia dos mortos. No dia primeiro de novembro se celebra o dia de *Akatompo* para as crianças. (SZÁSZ, 2001 p.119)

1 Entrevista realizada 20 de out 2018

7- A COSMOVISÃO KARI'ÑA E A IMPORTÂNCIA DAS LÍNGUAS E DAS CULTURAS DOS POVOS ORIGINÁRIOS

7.1 Compartilhando um pouco da cosmovisão Kari'ña, numa travessia onírica com experiências sinestésicas

Depois de cumprimentar os alunos da instituição de artes Dulcina de Moraes, que se dispuseram realizar a oficina, realizei introdução e a apresentação dos objetivos da pesquisa aos participantes, fiz um breve relato dos aspectos mais importantes pesquisados por mim sobre o povo Ka'riña, nas vivências diretas que tive na Venezuela, também tomando em conta as pesquisas bibliográficas prévias e através de conversas por internet com amigas e familiares.

Promovi uma “travessia pelas águas” deste povo, suas tradições culturais, projetando imagens fotográficas, vídeos de curta duração de festas e celebrações, visitando virtualmente comunidades indígenas Kari'ña através de materiais audiovisuais, em que todos puderam observar os ambientes naturais onde moram, as roupas típicas, os tipos de vegetação, flora e fauna, cultivos tradicionais e as realizações cerimoniais. Ouvimos o último CD gravado pela abuela Maria Cascante e expliquei conteúdos de duas músicas, as letras e temas principais de cada música: o primeiro foi um “*Aremi*” ou oração de gratidão ao Kaputano (Deus de tudo), pela pureza das águas que bebemos em nossos rios, o produto do cultivo que comemos e a fauna que nos alimenta. O outro tema cantado pela *abuela* sábia, fala sobre a alegria do trabalho juntos no “*conuco*” ou plantação mista coletiva da comunidade.

A professora Damelis Castillo, convidada especial, nesta fase da pesquisa, nos acompanhou para dar as referências necessárias sobre a cosmovisão e vivências das tradições deste povo, convidando a todos os participantes a se levantarem de suas cadeiras e ficar perto da mesa redonda estrategicamente posicionada no centro da sala, para chamar atenção sobre a importância de compartilhar o alimento para as famílias Ka'riñas. Os alimentos são importantes na celebrações do povo Kari'ña. A mesa foi decorada com folhas de bananeiras, palmeiras, fibras de buritis e conchas marinhas. Cada um dos participantes se aproximou da mesa e perguntou

sobre cada prato típico, sentindo os cheiros, texturas e sabores de cada alimento e das bebidas.

Damelis cantou um *Areemi* de bênção dos alimentos, acompanhada por uma maraca abençoada pela abuela Maria Cascante “Abanamie”, na sua casa em frente ao rio Orinoco. Todos os participantes da pesquisa ficaram em silêncio, num círculo ao redor da mesa, em sinal de respeito, em comunhão com o momento que consideramos sagrado. Depois disso, surgiram muitas perguntas, intercâmbios de opiniões, enriquecendo as percepções e ampliando os conhecimentos com a participação compenetrada de todos.

Ana Rodriguez, Kariña, ex-presidenta da Organização de Estudantes Universitários Indígenas do estado Bolívar - ODEIBO e atual coordenadora de Assuntos Culturais Indígenas menciona que nas últimas assembleias e encontros, realizados com a juventude dos diferentes povos, que hoje estudam nas universidades, sempre se alerta sobre os diversos fatores que contribuem para a dispersão dos mais jovens, que muitas vezes se afastam das tradições e deixam de falar sua língua, quando se casam com pessoas não-indígenas. Nesses encontros são alertados quando vão estudar ou trabalhar em outras regiões conseguindo se inserir nos meios de produção, que não devem perder o contato com sua comunidade, suas tradições e seu orgulho étnico. Por isso um dos objetivos de ODEIBO é conseguir a inserção dos jovens nas universidades, manter a realização de atividades interculturais em universidades e assessorar ou potencializar os projetos das lideranças indígenas jovens, vinculadas a suas comunidades. Eles têm feito experiências interculturais animadoras, em que o saborear, cantar e dançar juntos contribui para a quebra de paradigmas, estimulando uma abertura sensorial para outras compreensões sobre as diferenças de cada povo. (Informação verbal)¹

Gosto de associar sabores e cheiros da cultura nas atividades formativas interculturais, mostrando parte dos estímulos sensoriais que fazem eles dançarem, durante horas, no frio ou no calor. É muito importante celebrar com alimentos. Continuamos ao redor de uma mesa de degustação de sabores, com muito *casabe* molhado no caldo de peixe, com muita pimenta de cheiro, servido na vasilha de barro cozido, muitas opções de pimenta, de frutas, com banana da terra, mandioca,

1 entrevista telefônica 20 de out de 2018

seguimos ouvindo a música da Abuela María Cascante “Abanamie”, que abençoava a todos os presentes. O CD com a música dela seguiu nos indicando, numa sala de aula em Brasília, o caminho da celebração com os alimentos sagrados. Enquanto ela cantava eu mostrava ao grupo como agradecer “aos donos dos espaços onde foram cultivados esses alimentos”. Ficavam todos muito atentos e respeitosos. Garantimos que todos os visitantes ou participantes da atividade provassem os alimentos. Assim a *abuela* sempre nos ensinou: administrar o alimento e a bebida para que todos e todas comam. Quem prepara sempre come por último. Lembre-se, primeiro deve servir aos mais velhos e as crianças. Ensinei como se servir de cada alimento e como pegar o alimento com as mãos e seguimos o mesmo ritual que geralmente se faz numa comunidade ou lar Kari’ña em que uma matrona cultural supervisiona tudo.

O povo Kari’ña unido jamais passa fome, sempre animam um ao outro para dançar e cantar por horas a fio nas comunidades, debaixo do luar, perto da fogueira, num pátio ou na maloca principal da comunidade. Se estiverem morando em cidades, geralmente as casas são grandes e compartilhadas por diferentes membros de uma família. Um grupo familiar gosta de morar perto da mãe ou do pai, do líder ou da matriarca da família.

7.2 Reconexão ancestral, valorização de arquétipos e valores dos povos originários na contemporaneidade.

Enquanto se projetava as imagens, os estudantes faziam perguntas relacionadas com as fotos e os vídeos, ouviam a música do grupo *Paraamü* (arco-íris) e conversávamos um pouco mais sobre os povos indígenas, que talvez trasitaram pelo planalto central, o Centro-Oeste e pelas regiões amazônicas, muito antes de ser construída esta cidade.

Conversamos sobre como estão sendo expulsos os indígenas da maioria de suas terras. Como estão perdendo, através do tempo, as suas culturas originárias. Conversamos sobre a situação do “Santuário dos Pajés” em Brasília e da importância de participar nas atividades interculturais do Memorial dos Povos Indígenas e conhecer o espaço intercultural da UnB, que sempre realiza eventos de

diferentes povos indígenas do Brasil. Comentei com os participantes da pesquisa sobre os povos indígenas da Venezuela, que são parentes de povos indígenas Brasileiros, e falei da importância de conhecer um pouco mais, pesquisar sobre nossas origens, sobre as danças e cultura desses povos.

Os povos indígenas vivem, normalmente, em um território específico e tem seus próprios e distintos modos de vida social e cultural. Eles são encontrados em todas as partes do mundo, totalizados quase 200 milhões de pessoas e constituem cerca de 4% da população mundial. (Burger, 1987:11). Embora os povos indígenas estejam lutando por seus direitos há centenas de anos, é nos últimos 25 anos que se tem visto a ascensão de seu movimento ao nível internacional. (GRAY, 1995 p.111)

Que importância pode ter hoje em dia dançar da mesma forma que dançavam os povos originários do Brasil e da Venezuela há 100, 500 ou mais anos?

Os participantes da pesquisa e da oficina fizeram comentários sobre os descuidos das famílias, das escolas e das mídias, que não oferecem suficiente informação e formação, que facilite o conhecimento das culturas dos diferentes povos indígenas do Brasil e do mundo. Outros opinaram que o processo da hegemonia da difusão da produção artística estrangeira, no Brasil, não reflete o processo de formação cultural e societária da realidade brasileira.

Em muitos países há dispositivos legais nacionais e constitucionais muito fortes que reconhecem seus direitos a terra, e a sua própria cultura. Em muitas partes do mundo, no entanto, os povos indígenas estão sofrendo discriminação racial, invasões territoriais, etnocídio cultural e em alguns casos genocídio. Os povos indígenas do mundo todo tem demandado, de forma crescente, o reconhecimento de seu direito fundamental a autodeterminação como único modo de resolver as ameaças que eles enfrentam. Isto significa reconhecimento e respeito pelos direitos territoriais e culturais desses povos, permitindo que eles assumam o controle do seu próprio destino. (GRAY, 1995 p. 111)

Durante a atividade foram levantados vários questionamentos sobre a situação dos povos indígenas. Será que o agronegócio, a mineração, o desmatamento, a ciência e a tecnologia mal usada, prejudicam a vida de nossos povos indígenas no Brasil e na Venezuela? De que maneira as políticas mal fundamentadas de instituições e governos, as ameaças contínuas de narcotraficantes, as políticas de expansão das fronteiras agrícolas, as invasões às terras, a contaminação das águas pelos garimpeiros e empresas, sem supervisão adequada, afetam os deslocamentos forçados de cada nação indígena no Brasil e na Venezuela? Cada um foi

expressando sua percepção sobre estas problemáticas sociais que afetam a maioria dos povos indígenas no Brasil e no mundo.

A professora Damelis Castillo, convidada especial na atividade comenta, na sala, aos participantes, que os indígenas geralmente se deslocam às grandes cidades onde acabam ficando isolados em outro tipo de floresta de concreto, que aprisiona muitas vezes sua necessidade de expressão cultural e conexão com a sua própria cosmovisão. Inicia-se uma luta pela sobrevivência no asfalto e no concreto de uma sociedade que desconhece, não compreende, nem valoriza, na maioria dos casos, outras culturas que não sejam as conhecidas através das mídias comerciais. No coração das cidades, vão integrando-se, em famílias mistas, que, muitas vezes, passam a esquecer de sua própria língua e expressões culturais, por falta de prática regular no lar e nas escolas em que estudam os filhos e os netos. São vítimas de discriminação de seus colegas nas escolas e espaços de interação social por serem “índios”. Já longe de suas aldeias tradicionais, quando não se mantêm apoiados por grupos ou instituições que respeitem suas culturas e pressionados por uma sociedade de consumo acabam sendo doutrinados por igrejas que muitas vezes satanizam suas culturas e seus costumes. Para não sofrer discriminação e ter acesso a determinados espaços sociais e produtivos, muitos indígenas vão esquecendo sua própria conexão com sua ancestralidade, crenças e valores. Os efeitos da homogeneização cultural afetam sem dúvida alguma na preservação das culturas indígenas nas cidades.

O ritmo sobre as rodas do “progresso” nos afastou do compartilhar mais em família, em nossos espaços sagrados da dança cotidiana. (Informação verbal)¹

A medida que aumenta o conhecimento científico diminui o grau de humanização do nosso mundo. O homem sente-se isolado no cosmos porque, já não estando envolvido com a natureza, perdeu a sua "identificação emocional inconsciente" com os fenômenos naturais. (JUNG, 1964 p. 91)

Refletimos sobre nossas percepções como alunos e professores de arte, pessoas sensíveis a apreciação estética e artística, como nos organizamos metodicamente para aprender a conhecer, respeitar, valorizar e proteger as línguas, danças e

1 Participação como convidada em sala durante realização de atividade 27 de outubro 2018

culturas indígenas de povos vivos com culturas vivas que ainda estão presentes em nossas regiões? Como podemos apoiar a estes representantes destes povos para que possam manter a chama acesa de sua cultura, mesmo que fora de sua localidade de origem?

Conversamos sobre como construir juntos intercâmbios com esses saberes para sensibilizar mais nossa própria alma de arte-educadora neste século XXI. Como propomos ações coletivas para poder recuperar partes das memórias ainda resgatáveis ou não perdidas como um todo? Como aprendemos com os povos indígenas a parar essa ambição constante, essa busca compulsiva de construir progresso, devastando as riquezas naturais do planeta, que está cada dia mais violento?

Os participantes e eu consideramos a necessária reflexão sobre o reconectar-se com os valores e arquétipos de nossos povos nos dias de hoje, com profundo respeito à diversidade cultural. Infelizmente o advento da globalização tem provocado mais perdas do que ganhos para os povos originários, no que tange a preservação de suas culturas. Por isso, a importância de promover a resistência cultural dos povos indígenas para preservar o que ainda sobrevive aos efeitos e sequelas da colonização e da neocolonização, que segue no século XXI.

8 – REALIZAÇÃO DA OFICINA-LABORATÓRIO: DANÇAR COM AJKAARÜ (ALMA).

8.1 Oficinas introdutórias à Dança Kari'ña: *Mareemaree*

Apresentei uma seleção de vídeos sobre as dança do *Mareemaare* e *Akoodo*, a simbologia e importância cultural que têm estas duas danças para o povo Kari'ña-Caribes. Demonstrei a metodologia de transmissão desses rituais, durante os preparativos das celebrações mais importantes da comunidade.

Expliquei sobre o valor da observação atenta e respeitosa de cada movimento, com suas variantes “coreográficas”, seus ritmos e velocidades, executadas pelos mais experientes, em sintonia com cantores e os músicos que os acompanham. Ressaltei algumas diferenças ou variações de acordo com cada comunidade, contexto de realização, cenário e número de participantes.

A dança não significa reproduzir apenas formas. A forma pura é fria, estática, repetitiva. Dançar é muito mais aventurar-se na grande viagem do movimento que é a vida. Nesse sentido, a forma pode comparar-se a morte e o movimento, a vida. (VIANNA, 2008 pag.112)

O *Mareemaare* pode representar o encontro do povo em momentos de alegria, ou na celebração de momentos especiais das comunidades, ou momentos de profunda tristeza, ou numa festividade popular, ou ao receber os amigos e visitantes, ou para promover a celebração da vida e de vitórias, ou para firmar um compromisso de orgulho étnico e manter o espírito combativo para celebrar a vida com os ancestrais.

Damelis Castillo diz que o *Mareemaare* pode ser interpretado como canção em vozes masculinas e femininas, acompanhadas por instrumentos musicais. A duração de cada canto pode variar de alguns minutos até mesmo horas. As letras ou líricas podem ser feitas com textos improvisados de acordo com a experiência e a memória dos cantores convidados. Geralmente os cantores se preparam com antecedência, outros são mestres da improvisação sobre uma melodia repetitiva, constante, em permanente *ritornelo*. Algumas destas músicas são reconhecidas por várias comunidades e transmitidas oralmente de músicos mais velhos a músicos mais novos. O *Mareemaare* contribui a coletar as memórias individuais e coletivas de acontecimentos importantes dos parentes, funcionam de certa forma como um

gênero historiográfico. Tem um grande valor para o patrimônio imaterial desses povos. (Informação verbal)¹

A *abuela* Maria “Abanamie” me falou uma vez, quando apresentei meus dois filhos para receber as bênçãos dela por primeira vez que ela cantava *Mareemaare*, porque cantando e dançando *Mareemaare* os parentes escutavam e cantavam na sua língua com mais alegria e orgulho. Ela foi uma matrona ocupada na preservação de sua cultura. Perguntou para mim, na frente da minha mãe, e de meus filhos, se eles já estavam dançando *Mareemaare* e se já tinham seu *pentu* (saia azul masculina) e sua *nava* (vestido de cor viva enfeitado com fitas coloridas). Falou ainda para minha mãe que me desse um CD cantado por ela e o grupo Paraamü para levar para ao Brasil e dançar muito *Mareemaare* com as crianças, em Brasília. (Informação verbal)²

O *Mareemaare* pode ser dançado em grupos pequenos ou grandes, podendo se organizar em pares, trios, quartetos ou mais formações. Homens ou mulheres se agrupam e mantêm os braços sobre o ombro, ou na cintura do companheiro. A dança consiste em passos ritmicamente marcados para frente e para trás. Cada fileira se movimenta em diversos sentidos, cumprimentando o público ao redor dos dançarinos. As cabeças se curvam para baixo quando avançam para frente, olhando pra a terra, e se curvam para cima, quando os passos vão para trás, olhando o céu. Um ritual de cumprimento e agradecimento à vida.

Chamei os grupos e mostrei os passos básicos do *Mareemaare*, primeiro montei uma fileira horizontal, depois duas paralelas, depois subdividimos os grupos quando todos assimilaram os passos básicos. Todos participaram com alegria nesta dança milenar, finalizando com a dança da *Akoodo* (a cobra), percorrendo toda a sala em movimentos sinuosos, ora acelerando e ora desacelerando imitando o movimento das cobras na terra, nas águas e no céu, segundo a cosmovisão Kari’ña.

Os cantores caracterizam-se como bibliotecas orais vivas da sua comunidade. Há uma harmonia entre os músicos, os maestros e os bailarinos das próprias

1 Participação como convidada em sala durante realização de atividade 27 de out 2018

2 Conversa realizada do pátio da casa da *abuela* Kari’ña em dez 2013

comunidades que, em permanente comunicação com os mais experientes de sua localidade, dominam as técnicas, os movimentos e o conteúdo das letras.

Os participantes desta pesquisa se mostraram muito emocionados ao conhecerem a dança Kari'ña do *Mareemaare*. A atividade foi concluída com uma dança circular de agradecimento. Ficou evidente ao final, o estreitamento das relações dos participantes e sua disposição maior em exteriorizar suas emoções e percepções.

Ao final dessa etapa da oficina, 3 pessoas do curso da pós-graduação tiveram que se ausentar por ter prova na sala anexa. Nos dirigimos para outra sala continuar a última etapa da experiência.

8.2 Dança como livre expressão, narrativas corporais e ponte de encontro intercultural.

Nesta etapa da pesquisa, trabalhamos os sonhos, que na cosmovisão Kari'ña é o momento de encontro com a ancestralidade. Selecionamos três temáticas simbólicas norteadoras: Sonho com meus pés na terra, Sonho com travessia na água (*túnna*), Meu corpo, minha essência frente ao espelho de si próprio e do próximo. Cada participante teve a oportunidade de explorar, através da narrativa corporal, cada um desses temas. Tanto em grupo como individualmente.

Realizaram, frente aos espelhos, exercícios de expressão corporal, de dança, de improvisação e técnica de composição, permitindo a internalização dos temas norteadores.

É verdade, como diz o cético, que símbolos e conceitos religiosos foram, durante séculos, objeto de uma elaboração cuidadosa e consciente. É também certo, como julga o crente, que a sua origem está tão soterrada nos mistérios do passado que parece não ter qualquer procedência humana. Mas são, efetivamente, "representações coletivas" — que procedem de sonhos primitivos e de fecundas fantasias. (JUNG, 1964 p. 51)

Cada grupo, com minha orientação, percorreu o espaço da sala ao ritmo do coração da mãe terra, de sua respiração, de sua história em uma conexão física e mental. Através de estímulos sensoriais e de suas próprias percepções, desenvolveram uma composição coreográfica. “O indivíduo é convidado a descobrir seu corpo e suas sensações como um universo em extensão permanente, uma forma disponível a transcendência pessoal.” (LE BRETON, 2011 p.248)

Foram realizados, durante duas horas, exercícios corporais assimilados durante o curso de Licenciatura em Dança no IFB, aplicados às necessidades dos participantes: respiração, equilíbrio, ritmo respiratório, ritmo do movimento, velocidade do movimento, variações rítmicas, expressão corporal, criação do movimento; composição de movimentos, diferenciação de espaço interno e espaço interpessoal, espaço coletivo, composição espacial, espaço do movimento.

Posteriormente estimei a criação gestual e corporal a partir de elementos físicos, do incentivo à imaginação e de estímulos emocionais, tanto individualmente como em dupla. Foram criadas narrativas corporais, vinculadas aos três temas, que permitiram a sensibilização dos participantes e o encontro com suas tradições ancestrais.

O corpo é o lugar da divisão, se lhe presta o privilégio da reconciliação. Eis onde é preciso aplicar o bálsamo. A ação sobre o corpo traduz a vontade de preencher a distância entre a carne e a consciência, de apagar a alteridade inerente à condição humana: aquela, banal, das insatisfações do cotidiano como aquelas, fundadoras, do inconsciente imaginário social faz então do corpo o lugar possível de transparência, da positividade. O trabalho sobre sentimento, respiração, o movimento, domestica o inconsciente. (LE BRETON, 2011 p. 248)

Finalizei a oficina com exercícios individuais, com um processo de autoavaliação e executei gravações curtas de vídeo com depoimentos dos participantes sobre o que representou para cada um deles dançar com *Ajkaaru*, também cada participante da pesquisa fez um desenho e escreveu uma frase poética, inspirada nas etapas das vivências.

A partir da produção de narrativas poéticas, se construiu um elo, respeitando a diversidade de percepções. Os estudantes de artes visuais, artes cênicas entenderam mais sobre o espírito guerreiro dos Caribes e sentiram necessidade de reencontrar a sua ancestralidade. Despertou-se o desejo de organização de mais experiências teórico-práticas como essa.

9 - RESULTADOS E ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Com o objetivo de levantar informações iniciais sobre o conhecimento que tinha cada participante da pesquisa sobre o tema da ancestralidade, sobre o reconhecimento da própria conexão de sua identidade e memória familiar, possivelmente vinculada à ancestralidade indígena, ou não. Foram colhidos relatos de experiências prévias a oficina-laboratório em tela, incluindo relatos sobre leituras, contato direto com os saberes de povos indígenas brasileiros, ou do mundo, pesquisas ou possíveis trabalhos já realizados sobre essa temática.

Antes de iniciar o processo teórico-prático e introduzi-los à cosmovisão e às tradições culturais de um povo totalmente desconhecido para eles, o povo Kari'ña e sua dança, também tomei em conta os graus de sensibilização, de cada um deles, a processos sobre educação intercultural e diversidade cultural.

Foram organizados e aplicados dois questionários constituídos de 20 perguntas cada. O primeiro aplicado antes da atividade e o segundo aplicado depois da atividade. Os dois questionários constituem-se de:

- 5 perguntas com as opções “sim” ou “não”;
- 12 perguntas com as opções “sim” ou “não” e possibilidade de acréscimos de observações;
- 1 pergunta com as opções “sim”, “não” e “talvez”;
- E 2 perguntas de caráter exclusivamente subjetivos.

Os resultados sintetizados das respostas seguem expostos adiante.

Quinze pessoas receberam o primeiro questionário antes das atividades e todos os devolveram preenchidos. Todos os participantes da pesquisa são alunos ou professores da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes-FBT, cuja direção apoiou voluntariamente esse trabalho.

Através da análise das respostas deste primeiro questionário, consegui tomar contato com parte do conhecimento e dos níveis de sensibilização que tinha cada um deles sobre ancestralidade, sobre sua disposição de conhecer e reconhecer

outras cosmovisões e quanto estavam dispostos a conhecer as danças e a cultura do povo Kari'ña.

Posteriormente, realizei uma série de dinâmicas e de exercícios criativos, trabalhando a expressão corporal e a dança, em conexão com o conhecimento ancestral de cada participante e suas possibilidades de criação artística.

Após a oficina aplicou-se o segundo questionário, preenchido por doze pessoas, porque três participantes se ausentaram para uma prova de pós-graduação.

Os questionários foram analisados. Procedeu-se então com o agrupamento e contabilização das respostas. As perguntas de caráter discursivo ou as observações realizadas foram agrupadas por palavras-chaves e depois sintetizadas em blocos, segundo os conceitos abordados pela atividade.

Decidi sintetizar em quadros complementares parte das opiniões, comentários e propostas dos participantes, que foram recolhidos em conversas, em gravações de áudio ou vídeo, rodas de troca de saberes, nos processos de autoavaliação dos participantes, ou em exercícios criativos propostos e acompanhados por mim, durante esta pesquisa.

Questionário 1

ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO INICIAL PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Pergunta	SIM	NÃO
1. Você tem conhecimento de ter algum familiar indígena ou ancestral indígena?	09	06
2. Já leu, ouviu relatos ou participou de algum evento sobre culturas indígenas ou encontro intercultural indígena?	10	05
3. Já assistiu alguma atividade específica sobre o tema indígena?	14	01
4. Gostaria de participar de alguma destas atividades?	13	02
5. Conhece ou fala alguma língua indígena brasileira ou de outro lugar do mundo?	05	10
6. Algum familiar comentou ou informou sobre as existências e devido respeito a outras culturas originárias?	03	12
7. Canta alguma música indígena brasileira?	02	13
8. Você tem colaborado com a promoção de culturas indígenas em Brasília?	04	11
9. Já fez alguma pesquisa ou trabalho sobre danças e culturas originárias brasileiras no seu lugar de estudo de Artes ou por conta	07	08

própria?		
10. Considera que as danças, línguas e culturas indígenas em geral são suficientemente divulgadas e valorizadas no sistema público de ensino educativo formal?	04	11
11. Tem visitado alguma comunidade indígena ou grupo familiar indígena em Brasília?	02	13
12. Tem visitado alguma comunidade indígena ou grupo familiar indígena em alguma outra região brasileira?	02	13
13. Conhece algumas palavras de origem indígena brasileira?	11	04
14. Já teve oportunidade de dançar alguma vez com representantes de povos indígenas ou participar em alguma celebração cultural com danças?	04	11
15. Você tem conhecimento de como as crianças e jovens indígenas aprendem dançar e cantar nas suas aldeias e comunidades originárias?	04	11
16. Você acha que devemos contribuir em apoiar atividades para conhecer, respeitar, valorar, divulgar as culturas e línguas indígenas no Brasil? Como?	15	00
17. Considera que as danças indígenas contribuem com a formação em valores?	15	00
18. O que significa resistência cultural pra você? Subjetiva	-	-
19. O que significa corpo colonizado para você? Subjetiva	-	-
20. Gostaria participar em um Espaço- Movimento de investigação ação e promoção de danças, expressões artísticas inspiradas nas culturas dos povos indígenas com professores, maestros ou conhecedores das culturas indígenas?	11	04 Talvez

Questionário 2.

ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO FINAL PARA PARTICIPANTES DA PESQUISA

Pergunta	SIM	NÃO
1. Você pretende pesquisar um pouco mais sobre seus ancestrais a partir desta experiência que teve nesta oficina?	11	01
2. Está disposto a ouvir relatos ou participar de algum grande evento ou encontro interculturais indígena?	12	00
3. Já assistiu alguma atividade relacionada com culturas indígenas?	12	00
4. Gostaria de ser convocado a participar de outras atividades similares?	12	00
5. Gostaria de conhecer ou aprender falar alguma língua indígena?	10	02
6. Aprendeu cantar ou dançar alguma música indígena?	12	00
7. Gostaria de contar a seus familiares parte das experiências que teve em estas atividades com a gente?	12	00
8. Você pretende seguir contribuindo a informar ou colaborar com a promoção de culturas indígenas em Brasília?	12	00
9. Gostaria de fazer alguma pesquisa ou trabalho sobre danças e culturas originárias brasileiras no seu lugar de estudo ou por conta	11	01

própria?		
10. Você acha que poderíamos promover mais as danças, línguas e culturas indígenas em geral no sistema público de ensino educativo formal?	12	00
11. Gostaria de visitar alguma comunidade indígena ou grupo familiar indígena em Brasília ?	11	01
12. Gostaria de fazer ou compartilhar alguma atividade cultural numa comunidade indígena? O que você gostaria de compartilhar ou receber em troca?	11	01
13. Conhece algumas palavras de origem indígenas brasileiras?	12	00
14. Teve oportunidade de dançar com representantes de povos indígenas nesta atividade?	12	00
15. Você hoje tem mais conhecimento de como as crianças e jovens indígenas aprendem dançar e cantar nas suas aldeias e comunidades originárias?	12	00
16. Você acha que devemos contribuir em apoiar atividades para conhecer, respeitar, valorar, divulgar as culturas e línguas indígenas no Brasil? Como?	12	00
17. Considera que as danças indígenas contribuem com a formação em valores?	12	00
18. O que significa resistência cultural pra você? Objetiva	-	-
19. O que significa corpo colonizado para você? Objetiva	-	-
20. Gostaria participar em um espaço-movimento de investigação ação e promoção de danças, expressões artísticas inspiradas nas culturas dos povos indígenas com professores, maestros ou conhecedores das culturas indígenas?	11	01 Talvez

Segue abaixo as respostas dos participantes a seguinte pergunta:

COMO VOCÊ ACHA QUE DEVEMOS CONTRIBUIR EM APOIAR ATIVIDADES PARA CONHECER, RESPEITAR, VALORAR, DIVULGAR AS CULTURAS E LÍNGUAS INDÍGENAS NO BRASIL?

1	Fazer mais foros, mais seminários oficinas celebrações com os povos para que eles possam apresentar com orgulho a sua história.
2	Não promover somente um Dia do Índio.
3	Promover mais cinema e mais audiovisuais sobre os povos indígenas cosmovisões, realidades e desafios.
4	Apoiar e participar mais das atividades promovidas pelo Memorial dos povos indígenas e outras instituições que realizem eventos como estes.
5	Assistir aos trabalhos de pesquisas e ler mais sobre trabalhos de pesquisas elaboradas por estudantes de graduação e pós-graduação sobre temas interculturais ancestralidade e povos indígenas.
6	Diminuir o abismo cultural que separa a ignorância ou desconhecimento, a falta de empatia.
7	Mais respaldo em geral da Sociedade às comunidades indígenas nas cidades ou entornos.
8	Promover a importância dos povos indígenas para a preservação das águas

	doces do planeta, florestas, flora e fauna.
9	Como arte-educadores podemos dialogar, mediar, levar mais conhecimentos aos que conhecem pouco ou nada sobre as culturas indígenas e sua importância, sobretudo ante aquelas pessoas que têm crenças negativas sobre os povos por preconceitos religiosos ou são racistas.
10	Ampliando nossa visão sobre limitadas percepções e desconhecimentos das culturas que nos constituem como povo brasileiro.
11	Estudar mais e interagir mais com os indígenas que moram aqui ou nos visitam. Convidar a atividades.
12	Assessorar e dar apoio a organização das agrupações culturais indígenas para defender seus projetos ante instituições que possam contribuir na realização.

Segue abaixo as respostas dos participantes a seguinte pergunta:

O QUE SIGNIFICA RESISTÊNCIA CULTURAL PRA VOCÊ?

1	Lutar pelos direitos dos artistas em geral, manter a cultura e difusão. Lutar para manter a Cultura viva.
2	Manter vivas as tradições, costumes e arte do seu povo e ter orgulho dela diante da cultura industrial vigente.
3	Força para manter a história cultural em pé. É lutar para dedicar-se a manter viva uma herança cultural.
4	Preservar, manter, perpetuar a origem. Tentativa de preservar a cultura e costumes passados.
5	Conhecer e defender sua cultura. Uma casa de conhecimentos. Cultura local forte. Respeito.
6	Um esforço para manter a tradição apesar da invasão externa. Resgate de histórias e defesa dos saberes culturais.
7	Cultivar o ser humano na sociedade. Ser, conhecer, se apropriar, anunciar. Dar passos a procura de sua própria cultura mesmo quando tentem lhe impor outra cultura.
8	Lutar para conservar costumes de um povo para que outras gerações também possam seguir.
9	Preservação dos valores culturais em meio de tantas tentativas de destruição.
10	Quando uma cultura não perde suas raízes em meio da globalização e apropriação constantes de outras culturas.
11	Lutar para que a sua cultura não seja oprimida ou dominada por outra.
12	Lutar para que nossa cultura não seja esquecida. Manter os costumes e tradições.

TRECHOS POETICOS REALIZADOS COLETIVAMENTE PELOS PARTICIPANTES
- OFICINA LABORATORIO DANÇAR COM AJKAARÜ

Totalmente segura
em paz
Seja boa, seja ruim
tu és como és

Cor
tempo
igualdade
perdão
respeito frente ao espelho

A travessia
foi meio difícil,
mas consegui
te achei bisa

Descubra o seu corpo, mexa cada músculo
e cada osso
se expresse lentamente batidas ao ritmo
pureza

Sinta a velocidade que o segue,
que corre em suas veias
cadê o povo que estava aqui?
Resistência!

Apenas quando tiver impossível de se segurar
abra os olhos...
escuta debaixo da pele
e entorno

Grite, dance
se expresse
minha casa é
liberdade

Fechei os olhos,
viajei com a mente
passado e futuro
todos eles
vieram ao meu encontro

Sinta as batidas do coração,
deixe os pensamentos invadir sua alma
cada pulsação vale por mil povos extintos

Sonho, trabalho, luta
energia espelhada
medo, depressão, cansaço
realidade

Sentir meus músculos
nostalgia e dor
momento único
sangue do meu sangue
ancestralidade

Sei o que senti
viver sem ancoras fluindo no tempo
grande aprendizado

Busquei os olhos do próximo
gosto de me ver refletido
você e eu numa ponte sem tempo

Pés inseguros num solo seguro
vem de dentro pra fora
a força que não nos deixa cair

Eu senti como fogo e sangue em harmonia
Dancei com a minha história

Olhar
parceiro
nossos corpos num sincronismo automático
tempo de encontrar

Água ativa no meus olhos
pronto pra derreter no meu rosto

Espelho um no outro
Compartilhar é confiar no outro

Se eu tenho asas eu sei

O céu é meu lugar

Lembrança de meu avô

tentativas de me achar

olhos

ancestralidade

não dá pra explicar

Entrelaçados

ligados

instintivamente interconectados

experiência para ser vivida

dia após dia

9.1 Análises das respostas obtidas nos questionários

Antes de entrar diretamente na análise das respostas colhidas nos questionários é preciso fazer uma consideração sobre o público da oficina-laboratório realizada. Trata-se de um público majoritariamente jovem, composto por estudantes e professores de artes. Esse recorte social bastante específico não é uma amostra que possa refletir de forma mais generalizada a percepção se a maioria da população brasileira sobre as perguntas em questão. A maior parte da população brasileira não possui curso superior e tem pouco acesso à produção e aos espaços culturais dos grandes centros metropolitanos. Entretanto, esse público-alvo é de extrema importância para os objetivos desse processo de pesquisa, pois são arte-educadores formados, ou em processo de formação num curso superior, que são e serão responsáveis pelo o ensino artístico e/ou pela produção artística de Brasília.

O primeiro dado que chama a atenção do questionário é o fato de que a maioria dos participantes revelou possuir antepassados provenientes de povos indígenas. A maior parte também revelou que teve contato e conhecimento de atividades interculturais realizadas por povos indígenas e demonstraram interesse em ter mais contato com essas atividades. Entretanto, a maior parte dos participantes não conhece nenhum tipo de língua indígena, não visitou nenhuma comunidade de povos originários, não conhecem como se dá a transmissão dos conhecimentos dos povos originários e não tiveram nenhum tipo de conhecimento sobre os povos indígenas transmitidos pelos familiares. A contradição expressa no questionário reforça a permanência de uma triste realidade sócio-cultural, que é o esquecimento e o ostracismo a que são relegadas as tradições e as culturas indígenas no processo de formação da sociedade brasileira.

Entre os participantes, também é importante detectar que há uma percepção majoritária de que as línguas e a cultura dos povos indígenas não têm sido trabalhadas de maneira satisfatória no ambiente escolar. Entre os participantes é unânime a visão de que as danças e os ritos culturais dos povos originários podem contribuir para a formação de valores sociais benéficos. Assim, nesse público em especial, o processo de “demonização” da cultura e das crenças indígenas, que são alimentadas por algumas igrejas cristãs e tem força em vários extratos sociais de nossa sociedade, não está presente na visão ideológica do grupo em questão. Isso explica o nível de envolvimento nas atividades e o interesse em prosseguir conhecendo as tradições artísticas e culturais dos povos indígenas. Fato animador, pois serão artistas e arte-educadores que poderão contribuir para o processo de valorização das culturas indígenas.

O questionário aplicado após a realização da atividade demonstrou que a oficina-laboratório foi exitosa, ao reforçar a visão detectada preliminarmente, da necessidade de difundir e valorizar as culturas dos povos indígenas. E, também, de envolver os participantes em outras atividades interculturais relacionadas às culturas e tradições dos povos originários.

Ao analisar os extratos poéticos produzidos pelos participantes durante a atividade, fica evidente que vários deles foram emocionalmente tocados e demonstraram

interesse e necessidade de resgatar sua própria ancestralidade. E, dessa maneira, reconectar-se com uma parte de sua identidade sócio-cultural, que foi relegada a segundo plano e não se encontra firmemente arraigada na sua construção indenitária.

10 CONCLUSÃO

10.1 Algumas considerações sobre a situação das culturas tradicionais e dos povos originários

Nas entrevistas pessoais realizadas com alunos, professores, equipes administrativas e artistas da cidade, que transitam por estes espaços, onde foi realizada minha pesquisa, foi relatado que há muito a ser feito e debatido sobre como construir redes de apoio e suporte técnico para iniciativas dos alunos de diferentes áreas artísticas e humanas, com o intuito de fortalecer as produções que se debruçam sobre a necessidade de preservação das culturas tradicionais.

Considero que seja possível reduzir progressivamente os casos de discriminação e exclusão cultural dos indígenas e dos alunos de instituições culturais que trabalham com a promoção das culturas dos povos originários, em Brasília e em outras cidades brasileiras. Para isso, é necessário que haja políticas públicas para ampliar o acesso às informações e aos processos formativos com foco na promoção das culturas tradicionais, construídas por uma abordagem intercultural, que respeite a diversidade étnica e cultural presente na sociedade.

As diferentes leituras e trocas de experiências têm nos tornado mais atentos e atentas às nossas próprias características de criatividade, favorecendo a abertura para o novo, nos convocando a flexibilizar o olhar frente aos estudantes e a nossos pares e desafiando-nos a adotar atitudes interculturais, face às incontáveis diferenças no contexto de nossas práticas profissionais. (SOARES, 2015 p.32)

Brasil e suas instituições educativas e culturais precisam contribuir ainda mais, seguindo os exemplos de outros países multilinguísticos e pluriculturais, na preservação de seu acervo vivo, que constitui um patrimônio nacional e da humanidade. É preciso reconhecer que atualmente as políticas públicas e iniciativas, em vigor, são insuficientes para desenvolver um processo de valorização da diversidade cultural, que contribua para construir mais pontes e menos muros. São ineficazes para frear o processo de destruição das culturas tradicionais, resultado de um processo violento de colonização e neocolonização, que determinou a formação das sociedades e estados sul-americanos.

Vemos então a necessidade premente, na educação e na vida diária em sociedade, de relativizar posturas, sair da cultura etnocêntrica e permitir ao

outro que solte a sua voz, que se faça presente, que seja ouvido, que ocupe seu lugar, que tome consciência da sua cultura, percebendo-a como única, no sentido de que não deve haver hierarquia entre culturas. (GUEDES, 2015 p.97)

É necessário pensar nos caminhos para a criação de atividades, de estratégias e de ferramentas criativas que possam ser usadas para a articulação e integração de projetos entre as diferentes áreas artísticas, garantindo sempre a inclusão e a participação dos representantes indígenas nesses projetos. E, assim, valorizar o protagonismo e o devido direito autoral desses representantes. É preciso romper a concepção mecânica sujeito-objeto no tratamento dispensado aos povos indígenas e suas culturas. É necessário garantir que os povos originários tenham voz e autonomia para construir as relações interculturais. “El hombre, a su vez, “como un ser para si” se desumaniza si es sometido a condiciones concretas que lo transforme en un “ser para otro” (FREIRE, 1973 p.55)

A pesquisa oferece certos parâmetros, procedimentos e reflexões sobre a importância de promover a dança como ponte intercultural com outros povos originários do mundo. As atividades experimentais teórico-práticas, aqui desenvolvidas e analisadas, assinalam algumas estratégias para promover o diálogo, a valorização e o reconhecimento das culturas originárias no processo de construção das identidades. Assim sendo, ela abre caminhos para enfrentar o processo de perda de nosso patrimônio imaterial, representado pela dança dos povos indígenas da Venezuela, Brasil e do mundo.

10.2 sobre o resultado e o aprendizado com a realização da oficina-laboratório.

O primeiro importante aprendizado extraído, através da realização da oficina-laboratório, é a necessidade de continuar o processo de imersão na cultura dos povos originários e especialmente do povo Kari'ña. Só é possível desenvolver uma atuação artística-social consciente e transformadora se estamos firmemente conectados com os processos socioculturais que determinaram a construção da nossa identidade. É a conexão com nossa ancestralidade que nos permite entender o que somos e porque somos assim.

O *Mareemaare*, perpetuado através das gerações, é uma demonstração de como os povos originários se organizam coletivamente para entender o seu estar-no-mundo.

Ter a oportunidade de compartilhar a experiência cultural viva do povo Kari'ña me permitiu encontrar os caminhos para uma atuação artística, a serviço da resistência social e cultural dos povos indígenas e a serviço da construção de valores como a solidariedade e o respeito à diversidade humana.

A partir da interação com os participantes e da análise dos questionários aplicados, ficou claro que compartilhar a sabedoria milenar dos povos indígenas é uma experiência que contribui para despertar o interesse e o respeito das pessoas por essas culturas, que são parte da construção sócio-cultural do Brasil, da Venezuela e dos estados sul-americanos de maneira geral. A reação dos participantes, o comprometimento com a atividade e a disposição revelada pela maioria deles de continuarem a interagir com propostas e projetos relacionados à valorização da cultura dos povos indígenas, demonstra que a proposta metodológica aqui desenvolvida alcançou seus objetivos.

BIBLIOGRAFIA

- BRETON, Le David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Ed. Vozes. Petropolis-RJ: 2013.
- DEL VALLE, A.J. et al .**Glosario Kari’ña-Español**. Ed.UBV. Caracas: 2008.
- FREIRE, Pablo. et al. **Educación Liberadora**. Ed Zero.Madrid: 1973
- GUEDES, Marta. “**Quem descobriu o Brasil não foi Cabral**”: Educação e teatro nas favelas do Rio de Janeiro. Editora CRV. Curitiba: 2015
- JUNG, Carl. **El hombre y sus símbolos**. Biblioteca Universal Contemporânea. Madrid: 1997.
- LOPEZ, da Silva Aracy . GRUPIONI, Benzi Luis Donisete. (Org.) **A temática indígena na escola**. Ed.MEC, MARI,UNESCO.Brasília:1995.
- NEVES, Neide. **Estudos para uma dramaturgia corporal**. São Paulo: 2008.
- QUEIROZ, Lela. **Corpo&Mente Movimento & Contato. BMC Dança, Arte e Ciência**. Expressão Gráfica e Editora. Fortaleza: 2013.
- SHAFER, Murray. **O ouvido Pensante**. Fundação Editora da UNESP. São Paulo: 1992.
- SOARES,Bruno Rafael. **Articulando criatividade e interculturalidade no processo de (auto)formação continuada**. Editora CRV. Curitiba: 2015.
- SZÁSZ, Mosonyi, Jorge ;BIORD, Horacio. **Kariñas caribes antes el siglo XXI**. ED,ARTE.OCN. Caracas: 2001.
- TIAPA, Francisco. **Los Kariña: Poder popular, indústria e autonomia del estado colonizado al estado por la descolonización**. Ed. Laestrellaroja. Caracas: 2014.
- VIANNA, Klauss. **A Dança**. Ed. Summus. São Paulo/SP: 2005.

**ANEXO A – QUESTIONÁRIO INICIAL APLICADO AOS ESTUDANTES E
PROFESSORES DA OFICINA-LABORATÓRIO NA FACULDADE DULCINA DE
MORAES**

QUESTIONÁRIO INICIAL PARA PARTICIPANTES DA PESQUISA

1. Você tem conhecimento de ter algum familiar indígena ou ancestral indígena? Sim___ Não___

Comente:_____

2. Já leu, ouviu relatos ou participou de algum evento sobre culturas indígenas ou encontro intercultural indígena? Sim ___Não___ Expresse se desejar:_____

3. Já assistiu alguma atividade específica sobre o tema indígena: Sim___Não___
filme___ audiovisual ___ exposição ___ oficina___ palestra___ eventos de danças___
musicas ___ celebração de cerimônia espiritual ___ expressões e manifestações culturais
de povos indígenas? Marque com Sim ou Não do lado de cada.

4. Gostaria de participar de alguma destas atividades? Sim___ Não___

5. Conhece ou fala alguma língua indígena brasileira ou de outro mundo? Sim___ Não___

6. Conhece, canta ou dança alguma música indígena brasileira? Sim___Não___

7. Algum familiar comentou ou informou sobre as existências e devido respeito a outras culturas originárias ? Sim___ Não___

8. Você tem colaborado com a promoção de culturas indígenas em Brasília?

Sim___ Não___ Comente:_____

9. Já fez alguma pesquisa ou trabalho sobre danças e culturas originárias brasileiras no seu lugar de estudo de Artes ou por conta própria? Sim___ Não___

Comente:_____

10. Considera que as danças, línguas e culturas indígenas em geral são suficientemente divulgadas e valorizadas no sistema público de ensino educativo

formal? Sim___Não___ Comente:_____

11. Já Visitou alguma comunidade indígena ou grupo familiar indígena em Brasília?

Sim___Não___

12. Já visitou alguma comunidade indígena ou grupo familiar indígena em alguma outra região brasileira? Sim___ Não___ Comente se

desejar:_____

13. Conhece algumas palavras de origem indígenas brasileiras? Sim___Não___ Comente se desejar:_____

14. Já teve oportunidade de dançar alguma vez com representantes de povos indígenas ou participar em alguma celebração cultural com danças indígenas?

Sim___ Não ___ Comente_____

15. Você tem conhecimento de como as crianças e jovens indígenas aprendem dançar e cantar nas suas aldeias e comunidades originárias? Sim___ Não___ Comente se desejar_____

16. Como você acha que devemos contribuir em apoiar atividades para conhecer, respeitar, valorar, divulgar as culturas e línguas indígenas no Brasil? Sim___ não___ Comente:_____

17. Considera que a danças indígenas contribuem com a formação em valores? Sim___ Não___ O respeito a diversidade _____ a potenciação do trabalho de equipe _____ reforça valores de tolerância _____ amizade _____ reciprocidade _____ confiança _____ alegria _____

18. O que significa resistência cultural pra você?

19. O que significa corpo colonizado para você?

20. Gostaria participar em um Espaço- Movimento de investigação ação e promoção de danças, expressões artísticas inspiradas nas culturas dos povos indígenas com professores, maestros ou conhecedores das culturas indígenas?

Sim___ Não___ Tal Vez_____

**ANEXO B – QUESTIONÁRIO FINAL APLICADO AOS ESTUDANTES E
PROFESSORES DA OFICINA-LABORATÓRIO NA FACULDADE DULCINA DE
MORAES**

QUESTIONÁRIO FINAL PARA PARTICIPANTES DA PESQUISA

1) Você pretende pesquisar um pouco mas sobre seus ancestrs a partir de esta experiência que teve com a gente? Sim__ Não__

Comente:_____

2) Está disposto a ouvir relatos ou participar de algum grande evento ou encontros interculturais indígena ? Sim __Não__

Expresse:_____

3)Já assistiu alguma atividade relacionada com culturas indígenas? Sim__ Não __
filme __ exposição__ oficina__ palestra__ eventos de danças__ musicas __
celebração de cerimônia espiritual ____ expressões e manifestações culturais de povos
indígenas? *(Marque com Sim ou Não do lado de cada.)*

4) Gostaria de ser convocado a participar de outras atividades similares? Sim____No____

5) Gostaria de conhece ou aprender falar alguma língua indígena ? Sim__ Não__

6) Aprendeu cantar ou dançar alguma música indígena ? Sim__ Não __

7) Gostaria de contar a seus familiares parte das experiências que teve em estas atividades com a gente? Sim__ Não __

8) Você pretende seguir contribuindo a informar ou colaborar com a promoção de culturas indígenas em Brasília? Sim____ Não ____

Comente _____

9) Gostaria de fazer alguma pesquisa ou trabalho sobre danças e culturas originarias brasileiras no seu lugar de estudo de Artes ou por conta própria? Sim__ Não __

Comente _____

10) Como você acha que poderíamos promover mas as danças, línguas e culturas indígenas em geral no sistema publico de ensino educativo formal? Sim____ Não____

Comente: _____

11) Gostaria de visitar alguma comunidade indígena ou grupo familiar indígena em Brasília ? Sim____Não ____

12) Gostaria de fazer ou compartilhar alguma atividade cultural numa comunidade indígena? O que você gostaria de compartilhar ou receber em troca? Sim__ Não __

Comente : _____

13) Conhece algumas palavras de origem indígenas brasileiras? Sim___Não___Comente se desejar:_____

14) Teve oportunidade de dançar com representantes de povos indígenas nesta atividade danças ? Sim___ Não _____
Comente:_____

15) Você hoje tem mas conhecimento de como as crianças e jovens indígenas aprendem dançar e cantar nas suas aldeias e comunidades originarias? Sim___ Não_____
Comente _____

16) Você acha que devemos contribuir em apoiar atividades para conhecer, respeitar, valorar, divulgar as culturas e línguas indígenas no Brasil? Sim___ Não ____
Comente por favor:

17) Considera que a danças indígenas contribuem com a formação em valores?
Sim___ Não ____ O respeito a diversidade_____a potenciação do trabalho de equipe
_____ reforça valores de tolerância_____ amizade_____ reciprocidade_____
confiança_____ alegria_____

18) O que significa resistência cultural pra você:

19) O que significa corpo colonizado para você?

20) Gostaria participar em um Espaço- Movimento de investigação ação e promoção de danças, expressões artísticas inspiradas nas culturas dos povos indígenas com professores, maestros ou conhecedores das culturas indígenas? Sim___Não_____
Tal vez _____

ANEXO C – CARTA ENVIADA AOS PROFISSIONAIS DA FACULDADE DULCINA DE MORAES EM AGRADECIMENTO PELA CONCESSÃO DO ESPAÇO

Brasília, DF 30 de outubro de 2018.

Professor. Fernando Esteban Reynoso Acosta

Diretor Faculdade de Artes Dulcina de Moraes FBT

Atenção especial: Professor Fabiano Medeiros
Disciplina Cultura Brasileira

Assunto: Agradecimento pelo apoio recebido para a realização da pesquisa oficina de laboratório **Dança com Ajkaarü*(Alma)** e atividade de intercâmbios de saberes sobre povo indígenas.

Estimado Diretor, agradecemos o apoio recebido para a realização de questionários dirigido a uma mostra de alunos de sua Instituição e realização de três encontros vivências de intercâmbios de saberes com representantes culturais de povos indígenas em Brasília e realização de exercícios e dinâmicas de expressão corporal e dança relacionadas com cada cultura.

Estas atividades fazem parte da minha pesquisa de TCC em Dança como aluna do IFBT sede na Asa Norte. Seu apoio muito contribuirá a conclusão de meu curso e a possibilidade de manter um espaço virtual e físico de intercâmbio de povos indígenas com estudantes de artes em Brasília.

Agradecida por suas orientações ao respeito e apoio

Tayra Sasha L Davila Castillo

Discente da licenciatura em Dança IFB Brasília

**ANEXO E – OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DO ESPAÇO DA FACULDADE DULCINA
DE MORAES PARA APLICAÇÃO DA OFICINA**

Brasília-DF 18 de Outubro de 2018

Professor. Fernando Esteban Reynoso Acosta

Diretor Faculdade de Artes Dulcina de Moraes FBT

Equipe de Extensão e Professor de Cultura Brasileira

Assunto: Solicitação de apoio para a realização de Pesquisa e Oficina Laboratório “Dançar com Ajkaaru” dirigida a um grupo de alunos e professores da Instituição.

Estimado Diretor, conforme contato realizado previamente via telefone com a Secretaria Executiva do FBT Prof.^a Chris Ramirez e entrevista pessoal realizada e o professor de Cultura Brasileira solicitamos apoio para a entrega de questionários dirigido a uma mostra de alunos de sua Instituição e realização da Oficina **DANÇAR COM AJKAARÜ (ALMA)** de intercâmbios de saberes teórico-práticos com representantes culturais de povos indígenas; Nesta atividade faremos realização de exercícios e dinâmicas de expressão corporal e dança relacionadas com cada cultura por isso seria interessante poder contar com a Sala de Dança e Sala de Cultura Brasileira no Sábado 27 desde as 12 horas até as 17 horas. Usaremos se for possível os seguintes recursos: 3º cadeiras, quadro, som pequeno, data show, 2 mesas, apoio de difusão na instituição.

Estas atividades fazem parte da minha pesquisa de TCC em Dança como aluna do IFB sede na Asa Norte. Seu apoio muito contribuirá a conclusão de meu curso e a possibilidade de manter um espaço virtual e físico de intercâmbio de povos indígenas com estudantes de artes em Brasília no Dulcina se for de interesse da equipe e do alunado.

Agradecida por suas orientações ao respeito e apoio

Tayra Sasha L Davila Castillo

discente da licenciatura em Dança IFB Brasília

ANEXO F – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA OFICINA REALIZADA NA FACULDADE DULCINA DE MORAES



**VAMOS DANÇAR JUNTOS, INTERCAMBIAR SABERES, SABORES
 E ESPERANÇAS**

Este Sábado 27 de Outubro 2018

Das 12 as 16:30 horas

Na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes 3º Andar

Contatos: Professora : Tayra Sasha (61) 991648609

Produtora: Damelis Castillo (61) 991285800

Oficina dirigida aos alunos da FBT Faculdade de Artes

Gratuito com Direito a Certificado de Participação no final da Oficina.

Inscrição no local, trazer roupas confortáveis para dançar e frutas ou sucos
 para compartilhar no horário do almoço

ANEXO G – FOTOS DA OFICINA REALIZADA NA FACULDADE DULCINA DE MORAES



























ANEXO H – FOTO DO POVO KARI'ŊA REALIZANDO A DANÇA DO MAAREMARE



ANA CARIINÁ ROTE. AMUCÓN PAPORÓRO ITOTO NANTÓ

ANEXO I – POEMA DE AUTORIA DE TAYRA SASHA INSPIRADO NO TRABALHO DE PESQUISA PARA O TCC

PAJPORO PARIJE OODA? TODOS FORTALECIDOS, VAMOS PRA ONDE?

I

Akorooyo teeropa chũ meu ãeemantopo ãa sakaarũ enajko epeerũ,
 Até amanhã silêncio, onde moro minha família come fruta
 Hasta mañana silencio donde vivo, mi familia come fruta
 enajko ekkeyyũ enũkko íĩãamo pajporo pariye ooda?
 come biju, bebe alegria, todos fortalecidos, vamos para onde?
 come casabe, bebi alegría, todos fortalecidos, vamos para dónde?
 sapaatoro amanno- errerũ sapaatoro , sappaatoro veeve
 derecho a la vida, derecho a la semilla, derecho al árbol
 ka`ma shipiyyu pajporo pariye ooda?
 vamos meus meninos todos fortalecidos, vamos para onde?
 vamos mis muchachos, todos fortalecidos , vamos para dónde?

II

Akorooyo veedu, akorooyo kaapu
 Até amanhã sol, até amanhã céu
 Hasta mañana sol, hasta mañana cielo
 ka`ma noono, ka`ma nunno, ka`ma adaakono epũũrũrũ
 vamos terra, vamos lua, vamos companheira flor
 vamos tierra, vamos luna, vamos compañera flor
 petcho apoyyũ- petcho apoyyũ-
 respirar, respirar,
 respirar, respirar
 sapaatoro amanno- errerũ sapaatoro , sappaatoro veeve
 direito à vida, direito a semilla, direito a árvore
 ka`ma shipiyyu pajporo pariye ooda?
 vamos meus meninos todos fortalecidos, vamos para onde?
 vamos mis muchachos, todos fortalecidos , vamos para dónde?

III

Ka`ma kaapishu, ka`ma sũaano
 Vamos garça branca, vamos madre
 Vamos garza blanca, vamos mãe
 Ka`ma tonooro, Ka`ma paranpara
 Vamos pássaro, vamos borboleta
 Vamos pájaro, vamos mariposa
 ka`ma tunã, Kama vajto
 vamos água, vamos fuego
 konoopo, petcho, kaapu, sirijsho, paraamũ
 lluvia, brisa, céu, estrela, arco-íris
 brisa, cielo, estrella, arcoiris
 ka`ma shipiyyu pajporo pariye ooda?
 vamos meus meninos todos fortalecidos, vamos para onde?
 vamos mis muchachos, todos fortalecidos , vamos para dónde?

ANEXO J – FOTOS DE PERFORMANCE DE TAYRA SASHA EM FEVEREIRO DE 2018 NO SESC 504 SUL.



ANEXO K - MAPA DA OCUPAÇÃO GEOGRÁFICA DO POVO KARI'ÑA

